


“UMA ESCOLA NO MATO”: CRIANÇAS ASSURINI ATUANDO NOS DIVERSOS ESPAÇOS SOCIAIS

“A SCHOOL IN THE WOODS”: ASSURINI CHILDREN ACTIVITIES IN DIFFERENT SOCIAL SPACES

“UNA ESCUELA EN EL BOSQUE”: ACTIVIDADES DE LOS NIÑOS ASSURINI EN DIFERENTES ESPACIOS SOCIALES

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-134>

Data de submissão: 18/07/2025

Data de publicação: 18/08/2025

Maria de Fátima Rodrigues Nunes

Mestra em Educação e Cultura

Instituição: Universidade Federal do Pará

Endereço: Cametá - Brasil

E-mail: nunesfatima098@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0856159372017633>

Benedita Celeste de Moraes Pinto

Pós-doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Pará

Endereço: Cametá - Brasil

E-mail: celestepinto@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9450-5461>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7489392738166786>

Nathália Barra Viana

Mestra em Educação e Cultura

Instituição: Universidade Federal do Pará

Endereço: Cametá - Brasil

E-mail: Nathaliaviana167@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7203651663097667>

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar o processo de aprendizagem e socialização das crianças da Terra indígena Trocará e quais os diferentes papéis em que elas atuam nessa sociedade. Percebe-se que a infância indígena é carregada de significados e a presença das crianças está em todos os campos da sociedade indígena, neste sentido, é indispensável entender como a criança na comunidade indígena trocará socializa e interage com os saberes que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem desse povo indígena. Para tanto, se buscou como referencial teórico-metodológico estudos de autores que discutem a temática em questão, como Domingues e Pinto (2013), Cruz (2009), Cohn (2005), além de outros. Posteriormente, foi realizada a pesquisa de campo, que através da observação participante, buscou-se observar o dia a dia das crianças, suas formas de brincar e socializar com a comunidade. A pesquisa se utilizou de documentos escritos, imagéticos e a fonte oral, mediante relatos orais e histórias de vida. Dados deste trabalho constataram que os estudos relacionados à infância vêm crescendo graças à Etnografia, História e Antropologia e, a partir desses estudos, a criança começa a ser estudada como sujeito completo e formador de conhecimento.

Palavras-chave: Crianças. Saberes Indígenas. Cultura.

ABSTRACT

The main objective of this study is to analyze the learning and socialization process of children from the Trocará Reserve and the different roles they play in this society. It is clear that indigenous childhood is full of meaning and that children are present in all areas of indigenous society. Therefore, it is essential to understand how children in the Trocará indigenous community socialize and interact with the knowledge that is part of the teaching-learning process of this indigenous people. To this end, studies by authors who discuss the topic, such as Domingues and Pinto (2013), Cruz (2009), Cohn (2005) and other authors who discuss the topic, were used as a theoretical and methodological reference. Subsequently, field research was carried out, in which, through the technique of Participant Observation, we sought to observe the daily lives of children, their ways of playing and socializing with the community, and interviews with leaders and children. The research used written documents, images and oral sources, through oral reports and life stories. Data from this work found that studies related to childhood have been growing thanks to Ethnography, History and Anthropology and, based on these studies, children are beginning to be studied as complete subjects and creators of knowledge.

Keywords: Children. Indigenous Knowledge. Culture.

RESUMEN

El objetivo principal de este trabajo es analizar el proceso de aprendizaje y socialización de los niños en la Tierra Indígena Trocará y los diferentes roles que desempeñan en esta sociedad. La infancia indígena es rica en significados y los niños están presentes en todos los aspectos de la sociedad indígena. Por lo tanto, es esencial comprender cómo los niños de la comunidad indígena Trocará socializan e interactúan con el conocimiento que forma parte del proceso de enseñanza-aprendizaje de este pueblo indígena. Para ello, buscamos como marco teórico y metodológico estudios de autores que abordan el tema en cuestión, como Domingues y Pinto (2013), Cruz (2009), Cohn (2005), entre otros. Posteriormente, se realizó una investigación de campo que, a través de la observación participante, buscó observar la vida cotidiana de los niños, sus formas de jugar y socializar dentro de la comunidad. La investigación utilizó documentos escritos, imágenes y fuentes orales, incluyendo relatos orales e historias de vida. Los datos de este estudio revelaron que los estudios sobre la infancia han ido en aumento gracias a la etnografía, la historia y la antropología, y que, a partir de estos estudios, se está empezando a estudiar a los niños como sujetos integrales y creadores de conocimiento.

Palabras clave: Niños. Conocimiento Indígena. Cultura.

1 O FALAR E O OUVIR: APRENDIZAGEM PELA ORALIDADE

Para os povos indígenas, a transmissão de regras de comportamento social, de como dominar as coisas materiais do mundo e também do espiritual, são ensinamentos fundamentais para a vida, que são repassados no cotidiano por uma educação denominada por Funari (2011) de educação dos cinco sentidos:

Os adultos transmitem às crianças os conhecimentos para que pudessem fazer uma cerâmica, um artefato de pedra ou madeira, de modo que aprendessem a caçar, pescar, lutar em uma guerra. Essa educação dos cinco sentidos – olfato, paladar, tato visão e audição – era dada por aquilo que o Francês André Lerol- Gourhan chamaria de “gestos técnico”: este conceito se refere à capacidade humana, por meio de gestos apreendidos, de maneja e modificar os objetos (Funari, 2011, p. 66).

Levando em consideração a observação de Funari, a educação tradicional Assurini não é diferente, os sentidos de ouvir, falar, paladar, ver e tocar se fazem necessários para aprender e interpretar o mundo peculiar da etnia, carregado de cultura, saberes, crenças e histórias. Sendo assim, a cultura permanece viva e presente, pois o aprender é vivenciado no dia a dia dessa população.

Assim sendo, este trabalho tem como objetivo principal analisar o processo de aprendizagem e socialização das crianças da Terra indígena Trocará¹ e quais os diferentes papéis em que elas atuam nessa sociedade. Percebe-se que a infância indígena é carregada de significados e a presença das crianças está em todos os campos da sociedade indígena, desta forma, é indispensável entender como a criança na comunidade indígena Trocará socializa e interage com os saberes que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem desse povo indígena.

Para Cruz (2009), as crianças indígenas aprendem vivendo o cotidiano de sua aldeia, que é sempre cheio de afazeres e práticas, que fazem com que as crianças vivam explorando o mundo através de seu corpo. Todas as suas ações se transformam em ferramentas para aprender e expressar seus conhecimentos elaborados. Logo, o desenvolvimento dos sentidos é fundamental para a capacidade de ver, ouvir e fazer e as formas de aprender, saber e conhecer estão intimamente ligadas as capacidades sensoriais (Cruz, 2009).

O estudo se apoia teórico-metodologicamente em obras de autores que discutem a temática em questão, como Domingues e Pinto (2013), Cruz (2009), Cohn (2005), além de outros. Posteriormente, foi realizada a pesquisa de campo, quando se buscou observar o dia a dia das crianças, suas formas de brincar e socializar com a comunidade. No mesmo sentido, a pesquisa também se utilizou de

¹ A Terra Indígena Trocará fica localizada no município de Tucuruí, fica localizada nas proximidades do Igarapé Trocará, distante 25 km da sede deste município. É atravessada pela rodovia BR-422, conhecida como TransCametá PA-156. Possui aproximadamente 900 habitantes, que vivem em quatro (04) aldeias: a Trocará, a aldeia sede, que possui entorno de 584 moradores; aldeia Ororitawa; aldeia Oimotawara; aldeia Marawytawa.

documentos escritos, imagéticos e a fonte oral, mediante relatos orais e histórias de vida, obtidas através de entrevistas.²

A oralidade é um fator de muita relevância dentro das comunidades indígenas, ela representou, por muito tempo, e ainda representa, o método de transmissão de conhecimento de uma geração para outra. Segundo Pinto e Domingues (2013), a oralidade sempre esteve presente no currículo informal de povoações negras e indígenas, a oralidade é responsável por ensinar as práticas, saberes, devoções, crenças, orações, ritos com suas menções simbólicas vão sendo repassados oralmente, fazendo com que os conhecimentos sejam assimilados por meio de uma educação informal, em que as crianças, como os demais membros das comunidades, vivem, preparam, recriam, repassam e renovam seja pela organização das festas, das curas com rezas e ervas, da forma de viver e trabalhar coletivamente. Da mesma forma, tenta preservar a identidade que se encontra enraizada no legado cultural dos seus povoados (Domingues e Pinto, 2013).

E, assim, as crianças da aldeia Trocará aprendem e vivenciam práticas culturais que estão presentes a muitas gerações. Como a Festa do jacaré que é realizada pelos Assurini:

A Festa do Jacaré é uma coisa que o pajé deixou pra gente, né? Uma festa muito bonita, que inclusive a gente vai fazer ainda esse mês de outubro. A Festa do Jacaré, ele é um segredo que a gente não pode tá é cantando, as músicas dele não pode, ele tá falando também muito, né? Por que não pode não, porque sempre o nosso pajé falava pra gente que é uma festa que a gente não pode tá falando muito. Não pode tá cantando as músicas dele né? Então é por isso que a gente tem essa música da Festa do Jacaré (Pirá Assurini, entrevista realizada em 10 de outubro de 2015).

A partir da fala de Pirá Assurini percebe-se que a Festa do Jacaré é realizada há muito tempo entre os Assurini, ela representa uma grande manifestação cultural, religiosa e educacional para esse povo. Apesar de haver mudanças nessa festa, ela continua sendo realizada por esta população indígena, e para isso, a oralidade é de suma importância, conforme fala Pirá Assurini:

E o jacaré também, se por exemplo, uma pessoa tá namorando aí for pra festa e comer a carne dele, aí a pessoa já faz a música dele, então a pessoa não pode fazer isso também, porque é descoberto, a pessoa pode fazer de qualquer jeito, pode fazer escondido ali, mas quando chega lá o pajé já faz a música dele, né? Do ritmo do jeito que a pessoa tá fazendo ali, é a letra da música que eles fazem. Tem meu pai, que ele faz também a música é através dele que eles repassaram pra gente, né? Aí a gente já tá repassando pras outras crianças que tão vindo aí essas juventudes que tão chegando aí então tão repassando pra eles também (Pirá Assurini, entrevista realizada em 10 de outubro de 2015).

² É necessário ressaltar que no decorrer da pesquisa, todas as pessoas entrevistadas (ou responsáveis) assinaram o **TERMO INDIVIDUAL DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**, para uso de suas falas e imagens, permitindo a divulgação de nomes e imagens fotográficas.

Há uma grande preocupação entre os Assurini para repassar essa prática cultural, embora ocorra nela restrições relacionadas a participação das crianças, visto que na Festa do Jacaré envolve a aproximação de Karowaras, seres sobrenaturais bons ou ruins, por isso, as crianças não participam diretamente desta festa, por serem consideradas suscetíveis as investidas de Karowaras.

Criança não, é porque a Festa do Jacaré, ele tem um segredo né? Ele, se a criança, por exemplo, passar na frente dele também, a criança fica doente né? Então é por causa disso que muitas crianças não pode participar, dizer ele pode participar sim, ele tando numa Tekatawa sentado, sem tá passando na frente quando tiver cantando e quando trazer ele também e a mulher ela pode participar também né? Ela pode participar ficar ali do lado, aí é só os homens que pode dançar, aí quando o homem acaba de dançar aí, cozinha o jacaré né? cozinha ele, aí come só o homem também né? Aí a pessoa já amarra o pedaço, que dizer, corta um pedaço do braço dele e amarra com uma invira que é pra esposa dele né? E aí a mulher vai comer já com o filho dela (Pirá Assurini, entrevista realizada em 10 de outubro de 2015).

Entretanto, percebe-se que, mesmo diante dessa limitação, as crianças conhecem os saberes e a importância que essa prática cultural tem para o seu povo, uma vez que, elas não participam da dança, mas estão presentes no espaço geográfico onde ela ocorre como observadoras atentas, e na posição de sujeitos mergulhados na cultura, o que permite que elas possam estabelecer diálogos entre tradição, aquilo que é imposto para elas; e como vão interagindo e construindo esses saberes. Desta forma, os saberes são apreendidos e ressignificados pelas crianças como prática de resistência, nas imagens 1 e 2, as crianças revelam a grandiosidade simbólica, cultural e religiosa que essa festa representa para elas e para o povo Assurini, ou como afirma Cohn (2005), o “ouvir” é o meio essencial para o desenvolvimento e aprendizagem da cultura dos povos indígenas.

Figura 1 – Desenho feito por Ipirangawa Assurini, 10 anos de idade, a respeito da Festa do Jacaré. Na imagem se observa a dança em volta do jacaré, que será cozido

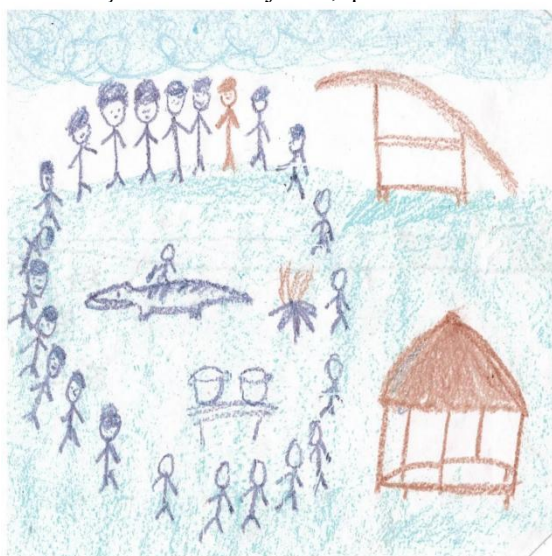


Foto: Acervo de pesquisa NUNES, 2015

Figura 2 – Desenho do ritual da Festa do Jacaré, feito por Raisatinga Assurini, 12 anos de idade. O desenho retrata homens chegando da caça do jacaré, personagem principal da festa



Foto: Acervo de pesquisa NUNES, 2015

Verifica-se, desta forma, que pela oralidade e pela observação é que as crianças das sociedades indígenas Assurini aprendem, adquirem conhecimentos. Embora não participando diretamente na festa do Jacaré, elas traduzem, por meio de desenhos, pequenos detalhes da realização desta festa, pois, o ouvir e o ver a distância lhes dão subsídios para o aprender. Conforme afirma Pinto, os saberes, práticas, crenças e suas simbologias culturais são repassadas oralmente pelos mais velhos por meio de uma educação informal para as crianças e, a partir dos conhecimentos adquiridos pela oralidade, se recria e se renova tais conhecimentos, se redefinindo e afirmando identidade e cultura e modos de vida (Pinto, 2007).

Para a transmissão oral acontecer, a memória é muito importante nas comunidades indígenas, ela seleciona e guarda saberes e histórias no decorrer do tempo. Entretanto, segundo Thompson (1988), a memória não nasce do nada, a memória traz experiências de gerações diversas e faz referência a tempos remotos, para que as práticas e as normas se reproduzam ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. E, assim, as tradições se perpetuam, em grande parte, mediante a transmissão oral.

3 CRIAÇÃO DO COSMO ASSURINI: HISTÓRIAS E CRENÇAS

O falar e o ouvir também se manifesta nas contações de histórias, pelos quais as pessoas mais velhas, rodeadas de crianças, ao cair da noite, sob as mangueiras, contam as origens do mundo, como os antepassados existiram e deixaram um deus, um mundo e tudo que nele existe. Ensinando as crianças o gosto e o valor de pertencimento desta etnia, e o interesse pelas histórias é tão grande que, às vezes, as próprias crianças se encarregam de contar estas histórias. O professor Toriwai Assurini narra a seguir a origem da criação do povo Assurini, que teria surgido a partir de um dilúvio:

Ela acontece assim, que é teve uma enchente, né? Há muito tempo na terra, que inundou tudo, a diferença que não ficou igual à história de Noé, diferença aqui que ficou só lama, a terra que amoleceu, né? Todas as árvores se fundaram na lama deu, só ficou uma árvore chamada de Arariwa, uma árvore bem cumprida e bem resistente, né? Ela não conseguiu afundar totalmente, ser engolida pela lama totalmente, onde na copa dela ficou três índios lá, eles ficaram lá, eles sentavam assim um lugar que tinha pra usar, então vinha ali e sentava ali, fazia cocô neles tudo. Aí ficaram um bom tempo, um dois, três dias, tinha índio ainda lá, os outros foi comido pela onça da lama, que tinha onça, tinha sucuri, peixe grande, né? Foi devorado, restou esses três então. Eles ficavam ali, né... Aguentaram sono, tudo. Mas só tinha um que, quando ia dormir, se amarrava todinho nas árvores com medo de cair, os outros não, né? Quando foi no terceiro dia caiu o primeiro, e onça comeu da lama, aí no segundo, já aí depois já caiu o segundo, e o último lá que se amarrava todo permaneceu um bom tempo lá, e os pássaros fazia cocô nele, ele pegava e comia as bostas dos pássaros tudo pra sobreviver, né? Esperando se aquilo ia passar e ele sobreviver né? Então aí tinha outros animais também que eu não sei como, mas não conseguia atolar na lama né? Andava normalmente naquela lama bem mole, veio primeiro o veado querer ajudar, o índio olhou, correu lá, mas não conseguia endurecer, a terra só furava. Aí veio a cobra, a cobra também não conseguiu, onde ela passava naquela lama ela fazia aqueles buraco [sic] parece igarapé, onde ela passou também não conseguiu. Aí veio o Porcão né? Não vou tentar ele fazer alguma coisa lá, não conseguiu, fez aquele lamaçal maior ainda, fez um buraco grande, tipo uma lagoa onde se enrolava. Aí veio acho que o caititu, também não conseguiu, mas só que atrás dele tinha a anta, né? A anta tava atrás dele, procurando não sabia onde ele tava, né? Só sabia que existia um índio perdido ali, mas não sabia aonde. Então a anta por ser o animal maior da floresta nossa, então ela tem um peso, né? Onde pisava endurecia a terra, né. Então onde ela vinha passando, ela vinha endurecendo, né? Até que encontrou ele, viu a asa, falou: - Ah! Deve tá ali, e foi pra lá, chegou lá, ela ficou alegre, né? E encontrou. Ele começou a pular, ela pulava e rolava no chão, aí a terra ia endurecendo por onde ela passava, chegou nele, conversou com ele, né? Pediu, pra ele descer, aí ele falou assim a ela, chegou, falou assim pra ele: - Agora te encontrei, tava te procurando, né? Aí falou: - Desce, pode descer agora tá seguro, aí ele: - não, não posso descer. Desce, tá seguro, ela corria pro lado tudo tá duro a terra, não tá mole não. Ele veio, desceu um pouquinho, né? Veio, veio até metade, depois subiu, né? - não, não, pode descer, até que ela convenceu ele descer, quando ele desceu, né? Pegou com a ponta do pé, né, cutucando a terra lá, pra ver se realmente tava dura. Depois ele desceu, aí desde lá, ele abraçou ela, né? Dizendo que chamou ela de vó, né, chamou de Minamwi, né? Falou que tinha salvado ele. Aí depois, ele saiu né, segundo a história, ele adormeceu e Mahíra fez outra mulher, né? Pra continuar de novo os Assurini (Toriwaia Assurini, entrevista realizada em outubro de 2015).

Percebe-se pela narrativa acima que ela está permeada da cultura e crenças, sem falar que os elementos da natureza sempre se fazem presente na construção cultural, religiosa e social desse povo. Esta história de criação também remete ao dilúvio de Noé, pois, a religiosidade dos Assurini vem sofrendo interferências de outras religiões no decorrer do tempo. Segundo Ribeiro (2014), após os contatos com os missionários do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e com outras igrejas, ocorreram muitas mudanças nos hábitos e costumes deste povo, principalmente, em relação ao respeito aos mais velhos, e a introdução de outras religiões dentro dessa comunidade. Sendo assim, a história de origem do povo Assurini também se mescla à crença cristã. Embora, o sagrado ainda esteja diretamente interligado à natureza, já que consideram a chuva, os animais e o homem, os responsáveis pela criação do cosmo.

Portanto, essas histórias contadas pelos mais velhos possibilitam as crianças viverem momentos de intenso aprendizado e respeito pela natureza e animais. E, assim, aprendem desde

pequenos, pelas histórias contadas pelos mais velhos, a respeitar a natureza, os animais, além da valorização cultural e religiosa. Assim como o modo de perceber o mundo e tudo que está a sua volta. Esse saber, transmitido de geração a geração pela oralidade, pela tradição e pela arte de falar dos mais velhos aos mais novos, é fundamental para a sobrevivência cultural e religiosa dos indígenas.

4 “BRINCADEIRA É COISA SÉRIA”: CRIANÇA, IDENTIDADE, CULTURA E SABERES

Analisar jogos, brincadeiras e brinquedos é de fundamental importância, para se compreender como se dá a organização social das crianças Assurini. É, por meio das brincadeiras, brinquedos e jogos que se constrói o ensino e aprendizado indígena. A imagem (figura 3) abaixo retrata o cabo de guerra, brincadeira bastante conhecida e praticada na aldeia Trocará, não só pelas crianças, mas também pelos adultos.

É uma brincadeira que exige força e união e, quando praticada por crianças, não há separação de gênero, mas quando é jogada por pessoas adultas, há disputa entre homens e mulheres. É importante mencionar que, embora esta brincadeira aconteça corriqueiramente na aldeia Trocará, ela ganha mais evidência quando os Assurini se prepararam para participar com esta modalidade de brincadeira nos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas.³

³ Os Jogos Mundiais Indígenas, em sua primeira edição, aconteceram no período de 18 a 27 de outubro de 2015, em Palmas e contou com a participação de, aproximadamente, 1.000 atletas brasileiros e 700 atletas vindos de países, como Rússia, Nova Zelândia, Estados Unidos, Canadá, Colômbia, Mongólia, Chile, Etiópia e Finlândia. Ressalta-se que os Jogos Indígenas já tiveram 12 edições nacionais, desde 1996, em diferentes cidades do país, com apoio do Governo Federal, patrocínio das Prefeituras e, eventualmente, de estatais, como a Caixa e a Eletrobras. O primeiro evento esportivo e cultural internacional no Tocantins foi ideia do povo indígena Terena, visando impulsionar a criação de uma espécie de comitê para organizar as próximas edições no exterior. Mais de 20 etnias brasileiras, dentre elas os Xerente (os anfitriões, do Tocantins), Bororo Boe (Mato Grosso), Asurini (Pará), Pataxó (Bahia) e Canela (Maranhão) participaram dos Jogos. Contudo, o evento também foi boicotado por etnias, como os Krahô e os Apinajé, argumentando ser um "momento difícil" para os povos brasileiros, com a demora na demarcação de terras, conflitos violentos com fazendeiros e invasões de territórios já homologados por madeireiros e garimpeiros. Os Guarani-Kaiowá, constantemente presentes nos noticiários pelo alto índice de mortes relacionadas com conflitos pela terra no Mato Grosso do Sul, ficaram divididos: houve delegação da etnia em Palmas, mas algumas lideranças também criticaram o evento em uma carta (Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151025_fotos_jogos_indigenas_cc; <http://www.clebertoleado.com.br/n64103>).

Figura 3 – Meninos e meninas brincando de cabo de guerra na aldeia Trocará, tipo de brincadeira que estimula força e equilíbrio.



Foto: Acervo de pesquisa NUNES, 2015

Para Nunes (2003), a construção do brincar no cotidiano da aldeia é marcada pela relação das crianças com outras crianças maiores ou menores, que se alternam entre tarefas domésticas e brincadeiras, desenvolvendo suas habilidades, descobertas e modos de ser e pensar o que é ser criança. Além da relação entre crianças, é importante destacar a relação entre crianças e adultos no processo de construção das brincadeiras e dos brinquedos e qual a importância do adulto nesse processo de interação social, logo, os adultos demonstram-se extremamente pacientes e ouvem as crianças com total atenção (Nunes, 2003).

Puraké Assurini, uma das lideranças Assurini, a partir de suas lembranças, narra como os adultos contribuem e interagem diretamente nas brincadeiras infantis, fazendo com que haja uma constante troca de saberes e socialização envolvendo crianças e pessoas mais velhas:

No meu tempo, nós brincava assim: nós tinha o igarapé, né? Tinha os cachorro e as antas, aí a anta corria e caía na água, aí o pessoal matava, né?. Então nos brincava, o capitão inventou pra nós e falava vocês ainda não vão brincar com a flecha não. Então, ele fazia barro igual uma peteca aí botava um bucado de criança, e os maiores corria como se fosse uma anta, aí corria e caía na água e os cachorros atrás, mas era criança que imaginava que era cachorro. Quem fosse cachorro ficava latindo até os caçadores que estavam com as petecas de barro chegar e quem era caçador jogava as petecas na anta até acertar, quem acertasse matava aí nós puxava aí nós fazia a comparação como era que cortava tirava o bucho só de faz de conta só por cima, aí trazia nas costas e trazia pra casa...aí quando chegava. O velho perguntava - tá goda a anta? Nós dizia: - tá goda. - Então traz pra cá. Aí na imaginação nós ia dividir a carne dava pra mulherada, pra criança até distribuir tudo. Também brincava de Anawaripo era um bucado de criança brincando e cantando lá em cima do pau, aí o capitão falava: - olha vocês vão abrir caminho no lado corta pau. Aí criança cortava pau lá em cima, aí quando cortava tinha que olhar se tinha guariba no buraco do pau, mas de faz de conta...aí a gente corria pra flechar a guariba, mas não com flecha de verdade, com as petecas feito de barro, aí a gente flechava a casa de cupim imaginando que era a caça. O capitão achava graça de nós e ele dizia que era assim que nós tinha que aprender. Depois ele inventou um buraco grande num pau, ele mesmo limpava e fazia o pau ficar oco, aí fala que nós íamos representar o catitu e os cachorro, aí as criança corria ia um bucado,

os índios que eram o catitu saía correndo e os cachorros latindo atrás, os catitu entravam no buraco e os caçadores jogando o barro pra matar. E assim que a gente brincava (Purake Assurini, liderança da comunidade Assurini, entrevistado em 12 de outubro de 2015)

Atenta-se para esse relato de Puraké Assurini, no qual se faz presente todo um contexto cultural e social da aldeia Trocará, trazendo à tona lembranças do jogo de imaginação que se cruzam com os ensinamentos e aprendizados cotidianos vivenciados nesta aldeia. Tanto a caçada, como todos os processos da manutenção de alimentos, está intrinsecamente ligada aos aprendizados e ensinamentos, nos quais os mais velhos são os transmissores de valores, que são captados pela criança, através do imaginário. Da mesma forma, também envolve as relações de amizade, de gênero, além da obediência para com os mais velhos. Neste sentido, segundo Dutra (2013), a mente dos indivíduos tem a capacidade de inventar e criar situações a partir das experiências vividas no seu cotidiano, um alimento, um gesto, um olhar, uma palavra, são carregados de símbolos que servem como suporte para o imaginário.

O imaginário não está preso a convenções sociais. Ele é fluido, uma espécie de sedutor de imagens, um depósito do inconsciente, mas que age “conscientemente”. Refaz-se a todo o momento, utiliza como força impulsionadora o símbolo, elemento que não somente pode dar a entender, mas também pode expressar sua “existência”. Nada passa despercebido ao imaginário, que depende da imagem simbólica para se constituir existindo, e entre ambos há um entrelaçamento uma profunda, obscura e ao mesmo tempo clara relação. Toda ação do homem é produtora, mediadora e impulsionadora de imaginários, estando em seu convívio diário presentes os elementos naturais e culturais que subsidiam a formação da mente. Esses elementos são considerados como criadores de imaginários, uma vez que são grandiosos produtores e reveladores de representações, uma via de mão dupla na construção de representações simbólicas (Dutra, 2013, p.58- 59).

O ato de brincar, de fazer de conta, de imaginar algo só é possível através dos símbolos que as crianças Assurini carregam consigo, toda essa grandiosidade de detalhes contida na imaginação, nada mais é que o reflexo de sua cultura, do seu modo de vida. Pela imaginação se constroem ensinamentos reais, significados que vão se refletir no dia a dia dessas crianças e é pelo imaginar que se aprende a pescar, a caçar, a dividir o alimento a se inserir na vida social da aldeia.

As crianças aprendem, na prática das brincadeiras, a realidade do cotidiano, que as prepara para a vida adulta. Desta forma, o lúdico está sempre relacionado com as formas de sobrevivência, aprende-se a caçar, a pintar, a dançar, a falar na língua materna, brincadeiras essas que são vivenciadas e praticadas com elementos da natureza, como pedras, terra, folhas, pedaços de madeira, frutas e nos espaços da aldeia.

O povo Assurini tem um contexto social fundado na tradição oral e o seu conhecimento histórico está presente na memória dos homens mais velhos, seus sábios, que, além da palavra oral, também, dominam as práticas, os valores e o costume da sua gente. Assim como o saber é repassado

pelos mais velhos para as crianças, é também de uma criança para outra, dos pais para os filhos, enfim é um constante aprendizado.

As crianças, ao socializarem com o meio em que vivem, adquirem conhecimentos de vida, além de absorverem as tradições da aldeia. Puraké Assurini, pela sua lembrança de infância deixa evidente que a partir da imaginação, as crianças indígenas também constroem aprendizados da vida real. Outro fator importante a ser abordado é de que as brincadeiras são sempre inspiradas e motivadas pela natureza, uma vez que o uso de elementos da natureza é unanimidade durante as brincadeiras, quando pedras, sementes, folhas, galhos e muitos outros viram objeto para diversão das crianças.

Nunes (2003) afirma que nas comunidades indígenas, também, há brinquedos que trazem representações das atividades cotidianas dos pais, brinquedos que são feitos a partir dessas práticas, como pequenas varas de pescar, pequenas panelas de barro, pequenas armas, pequenas máscaras de rituais, entre outros objetos.

Na aldeia Assurini, é comum os brinquedos e as brincadeiras estarem ligadas aos serviços do dia a dia. É esse brincar que leva ao aprendizado de sua sobrevivência, da sua cultura e identidade étnica, na imagem 4 percebe-se como o brincar se torna um aprendizado importantíssimo, nela uma menina Assurini brinca de fazer uma panelinha de barro, a partir da panelinhas de plástico, brinquedos comumente usados por crianças não indígenas, mas que dentro da aldeia ganha significado diferente, pois inspira, incentiva a criança indígena no aprendizado de confeccionar a cerâmica, que são as vasilhas feitas de barro, tão importante para manutenção da cultura e também da economia Assurini, uma vez que as vasilhas de barro são vendidas fora da aldeia Trocará.

Figura 4 – Assurini brincando de confeccionar a cerâmica, vasilhas feitas de barro, tão importantes para a manutenção da cultura do seu povo



Foto: Acervo de pesquisa NUNES, 2015

É importante ressaltar, conforme afirma Procópio (2012), que a fabricação das cerâmicas de barro é trabalho masculino, mas as crianças enquanto sujeitos que tem atuação direta na cultura e nos saberes completos, não tem percepção de divisão conforme o gênero, mas a diferença de gênero é uma construção que se dá gradualmente pelos ensinamentos dos mais velhos.

Os brinquedo e brincadeiras também permitem que as crianças Assurini fortaleçam a sua identidade étnica, como é possível se observar na imagem 5, em que a criança Assurini ressignifica o brinquedo de origem não indígena, transformando a boneca, com características não indígenas, em um Assurini pela pintura corporal, usando tinta de jenipapo, assim como os Assurini fazem.

Figura 5 – Crianças brincando com boneca pintada com tinta de jenipapo, com as características pinturas Assurini



Foto: Acervo de pesquisa NUNES, 2015

Isso levar a analisar o intenso processo de globalização em que o povo Assurini também vivencia no decorrer do tempo. Para Hall (2006), a globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço, portanto, as identidades são afetadas pela globalização havendo uma frequência e uma adaptação dos indivíduos com o seu tempo, seus espaços e as ferramentas que o sujeito adquirem nesse tempo e nesse espaço.

O pensamento de Hall (2006) amplia a compreensão de hibridismo, sinalizando que as identidades culturais são híbridas, ou seja, movidas por mudanças, encontros e desencontros. Dessa forma, reforça seu entendimento em torno da identidade, alegando que não é possível afirmar que se tem uma “identidade”, mas que somos compostos por uma identificação, passível de mudança e transformação.

Neste sentido, segundo Bhabha (1998), a cultura é uma fronteira metaforicamente falando, pois leva a entendê-la como um lugar que abriga um certo perigo, para quem se compromete a estudá-la, pois é um lugar de conflitos de identidades e as identidades não estão mais fixadas. Portanto, é preciso pensar a cultura desses sujeitos, cuja identidade se fragmentou, como um espaço de coletividade de mescla e não como fixa, mas buscando analisar a cultura como dinâmica.

Os termos do embate cultural, seja através de antagonismo ou aflição, são produzidas performaticamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como reflexo de traços culturais ou étnico *preestabelecidos*, inscritos na lapides fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais (Bhabha, 1998, p. 20-21).

Desta forma, a boneca Assurini, no momento que está sendo pintada com a mesma pintura étnica, ganha ressignificação, que leva a perceber nitidamente esse hibridismo cultural. A respeito de tal questão, as análises de Canclini (1998) as explicam, quando ele afirma que a modernidade é sinônimo de pluralidade, e que se mesclam as relações entre o hegemônico e subalterno, o tradicional e o moderno. Sendo assim, a modernização não serviu somente para separar nações, etnias e classes, mas também para fazer um cruzamento sociocultural que levam a misturar o tradicional e o moderno. A boneca pintada com a pintura corporal Assurini é um exemplo dessa mistura do tradicional e do moderno, que leva a uma ressignificação da cultural tradicional local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre a infância indígena proporcionam uma série de aprendizados que são essenciais para entender a cultura e a identidade desse povo. Como, por exemplo, as brincadeiras que estão inseridas no dia a dia desses sujeitos, que são vistas como intenso processo de aprendizagem e socialização, já que envolvem diferentes tipos de relações entre as crianças e os mais velhos. Uma vez que essas brincadeiras são permeadas de cultura, oralidade e memória desses sujeitos, e assim são formas de evidenciar a riqueza cultural e a identidade dos povos estudados.

Os Assurini do Trocará é povo detentor de inúmeros saberes, que os socializam nos mais diversos espaços. As crianças Assurini são consideradas como agentes importantíssimos na aldeia Trocará e das demais aldeias da Terra Indígena Trocará, atuando nesta sociedade, tanto no que diz respeito à cultura, religiosidade, educação, quanto na economia voltada para a sobrevivência do grupo. E são sujeitos que se engajam ativamente na constituição de laços afetivos e de relações sociais em todos os espaços da aldeia pelos quais circulam.

Os pequenos se destacam em diferentes espaços, estão sempre envolvidos nos afazeres domésticos e nas etapas de feitura de adornos ou artesanatos, pois, são os responsáveis pela coleta da matéria-prima, confecção, e também pela venda dos artesanatos que os mais velhos fazem. Aprendem as técnicas brincando e observando os pais, os avós, os tios e as outras crianças fazerem. Visto que, na aldeia Trocará, as crianças crescem livres para trilharem os diferentes espaços desta aldeia, caminhando sempre em grupo, sendo lideradas por uma criança mais velha, que guia as outras.

Portanto, o ensino e o aprendizado se dão nos vários campos e espaços da aldeia Trocará, onde, pela transmissão de conhecimento de uma geração para outra, a criança participa ativamente e alicerça o seu próprio aprendizado. Uma vez que, ao desenvolvem papéis socializadores, gerados pelas brincadeiras, pela oralidade, e pelo observar e do fazer, perpetuam a identidade étnica da sua gente, valorizando e firmando a constituição história e cultura dos Assurini, entre os quais a educação é aprendida e repassada pelas próprias crianças, gerando espaços de grandes aprendizados, em que a participação delas é imprescindível.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

COHN, C. A criança, o aprendizado e a socialização na Antropologia. In: SILVA, A.; NUNES, A. (Orgs). Criança Indígena: ensaio antropológico. São Paulo: Global, 2002 (Col. Antropologia e Educação). p. 213- 234; p. 117- 147.

CRUZ, S. F. A criança Terena: o diálogo entre a educação indígena e a educação escolar na aldeia Buriti. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2009.

DUTRA, M. A. Entre grafismos e oralidades: uma interpretação do imaginário da criança ribeirinha amazônica. Manaus: UFAM/ICHL, 2013.

FUNARI, P. P. As Identidades. In: FUNARI, P. P.; PIÑÓN, A. A temática indígena na escola: subsídios para os professores. São Paulo: Contexto, 2011. p. 65-116.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 7. ed. Rio de Janeiro: DPEA, 2006.

NUNES, A. Brincando de ser criança: contribuições da Etnologia Indígena Brasileira à Antropologia da Infância. 2003. 341 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Lisboa, Portugal, 2014.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Memória, oralidade, danças e rituais em um povoado amazônico. Cametá: Ed. BCMP. Cametá-Pará, 2007.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes, Andrea S. DOMINGUES. Educação e memória: práticas educacionais em povoações remanescentes de quilombolas e indígenas na Amazônia Paraense, Brasil. In: Anais do I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação /III Encontro de Sociologia da Educação, 1., 2013, Braga: Centro de Investigação em Educação/Universidade do Minho, 2013, p. 245-256.

PROCÓPIO, M.G.C. Educação escolar indígena na Amazônia: uma abordagem histórica sobre os desafios, avanços e perspectivas na escola Warara'awa localizada na Transcametá, Tucuruí, Pará. Cametá-Pará, 2012. In: Anais do I Seminário Nacional do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura do Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA - Pesquisa e Produção de Conhecimento. Cametá: CUNTINS- UFPA, 2014. Disponível em:<http://campuscameta.ufpa.br/images/textos/anais_seminario_ppgeduc2014.pdf>

RIBEIRO, B.N.P. A Crença na Sawara e a Inserção de Cremos não indígenas entre o Povo do Trocará, no Município de Tucuruí-Pará, 2014. Disponível em: <http://www.cih2015.eventos.dype.com.br/resources/anais/4/1430686979_ARQUIVO_ArtigoAINSERCAODECREDOSNAOINDIGENASENTREOPOVOASSURINIDOTROCARA.pdf>

THOMPSON, E. P. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.